

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHO

O manifesto do Futurismo é publicado em Paris, no *Figaro*, em 20-2-1909 – e a notícia que entretanto vai havendo dele em Portugal é alguma, mas escassa. Em 1912 e 1913, Guilherme de Santa Rita, que em breve muda o nome para Santa Rita Pintor, ou Sá-Carneiro, ambos em Paris, interessam-se pelo Cubismo, Futurismo, trazendo depois para Portugal informações e experiências. E reina a confusão. Publicam-se "poesias futuristas" (há uma, curiosa, assinada por Alípio Castro d'Ayre no *Portugal Artístico* de Março de 1914, ano que é também da difusão do primeiro assomo vanguardista em Portugal, o Paulismo) que não têm nada a ver com o Futurismo. Entende-se, por uma corruptela semântica, que “futurista” é sinónimo de escrita ultracomplexada e antifigúrica, e até Pessoa, mais tarde, no *Portugal Futurista*, em 1917, há-de publicar poemas que são paródias do Simbolismo de Eugénio de Castro e que correspondem ao Futurismo nessa acepção bem portuguesa (género Alípio Castro D'Ayre).

De 1914 data a escrita por Pessoa da *Ode Triunfal*, que marca o aparecimento de Campos, heterónimo iluminado pela poética futurista. Ora, a ode de Campos, se tem características particulares que em parte se desviam do Futurismo, como certos parêntesis de teor lírico ou irónico ou o tratamento da dimensão temporal, nem por isso deixa de estar muito próxima das suas estética e atitude. É disso bom exemplo a exaltação da poesia das máquinas, de uma beleza absolutamente moderna, ou a dos “armamentos gloriosamente mortíferos”, tema capital do Futurismo nacionalista. Em 1915, são publicados no *Orpheu* poemas futuristas, além da *Ode Triunfal*, a *Manucure*, de Sá-Carneiro, cada um em seu número dos dois que a revista teve. O último é um poema em que se lêem traços não-futuristas, também, dado que é a mão de Sá-Carneiro que nele se inscreve, mas existe uma conformação paródica com o Futurismo, incluindo a citação *ipsis verbis* de palavras de ordem dos manifestos italianos ou, na evidência da sua forma, a utilização dos processos futuristas típicos da invenção gráfica ou caligramática. No segundo número de *Orpheu*, Álvaro de Campos assina um novo poema, longo e violento, a *Ode Marítima*, que já nada tem de futurista, podendo relacionar-se antes com a raiz mais antiga de Walt Whitman e Verhaeren, também, aliás, raízes reconhecidas do movimento de Marinetti. Sá-Carneiro publica narrativas, a *Confissão de Lúcio* em 1914 e *Céu em Fogo*, em 1915, que cantam a espaços os temas

do Futurismo relacionados com a vida urbana industrial. Mas essa é apenas uma das linhas que formam o seu texto, entre outras. E não a mais importante.

Mais futurista é Almada, que publica o *Manifesto Anti-Dantas e por extenso* no final de 1915, enquanto escreve *A Cena do Ódio*, poema-manifesto destinado ao *Orpheu 3*, mas que só em 1923 vem a ser parcialmente publicado como separata da *Contemporânea 7*. Em 1916, Almada Negreiros funda o Comité Futurista de Lisboa, com Santa Rita Pintor, outro futurista, e publica dois importantes folhetos tipicamente futuristas: o *Manifesto da Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso* e o poema *Litoral*. Entretanto, em Faro, no jornal *O Herald*, começa a publicar-se uma secção futurista, onde publicam Pessoa, Sá-Carneiro e Almada, além de vários poetas algarvios, entre os quais Carlos Porfírio, que haveria de figurar como director do *Portugal Futurista*. Ainda em 1916, são traduzidos manifestos do Futurismo no jornal *O Dia*. Em 1917, ano culminante, são lidos manifestos futuristas italianos e um português, o *Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX*, de Almada, na Conferência Futurista que tem lugar no Teatro República, em Abril, os mesmos publicados depois no número único do *Portugal Futurista*, em Novembro. A revista é quinze dias depois apreendida pela Polícia, preocupada com os bons costumes. Um *Ultimatum* de Álvaro de Campos parece ter contribuído em boa parte para esse acto de força, pois exhibe um "MERDA!" gritado em maiúsculas contra toda a autoridade estabelecida. Também *Mima-Fataxa* é um poema de Almada com culpas no cartório repressivo, pois exalta uma Salomé desbragada em último grau. Outro texto futurista é ainda *Saltimbancos (Contraste simultâneos)*, em que Almada escreve sem pontuação uma narrativa que termina explodindo em onomatopeias. O *Portugal Futurista* tem, ainda, nada menos de dois artigos sobre Santa Rita Pintor, marcando o seu lugar central na cena, o primeiro deles a abrir o número e acompanhado de uma fotografia sua de página inteira, o segundo de Raul Leal, em francês, apelidando a sua obra de "géniale". Ainda em 1917, Almada publica dois livros. Um, que é uma obra-prima do Futurismo português, *K4 O Quadrado Azul*, dedicado a Amadeo de Souza-Cardoso, datado de "Lisboa 1917 Europa modelo 1920" e dando exemplo da imaginação em liberdade. Outro, *A Engomadeira*, datado de 1915, próximo de uma espécie de versão surrealista do Interseccionismo.

Em 1918, morrem Santa-Rita Pintor (que pede para queimarem os seus quadros) e Amadeo. Em 1919, Almada Negreiros vai para Paris. Mas o Futurismo só acaba em 1921, com a publicação de *Nós*, de António Ferro, último sobressalto da fúria de manifestos de 1916 e 1917. Nesse instante, Almada, que aliás sempre mantivera zonas de trabalho diferentes, emerge em 1921 dessa cacofonia belicosa com *A Invenção do Dia Claro*. Em 1921, transcrevem-se no *Diário de Lisboa* intervenções de Almada Negreiros e Raul Leal que aparecem associadas pelo jornal ao Futurismo, mas já nada têm a ver com essa corrente – que para Raul Leal nunca foi senão uma referência longínqua. O mesmo António Ferro profere, em 1922, no Brasil, a conferência *A Idade do Jazz-Band*, que, do mesmo modo, já não pertence ao Futurismo nem a nenhuma Vanguarda em particular. A própria mutação do manifesto em conferência é disso um sinal.

"Futurismo", Fernando Cabral Martins em Fernando Cabral Martins (coord.), Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 301-302.